



# MÍDIAS E RELIGIÕES

A COMUNICAÇÃO E A FÉ EM  
SOCIEDADES EM MUDIATIZAÇÃO

Pedro Gilberto Gomes  
Antonio Fausto Neto  
Moisés Sbardelotto  
Thamiris Magalhães de Souza  
(Organizadores)



UNISINOS  
Sempre criando possibilidades

EDITORA UNISINOS



Mídias e religiões:  
a comunicação e a fé em sociedades em midiatização

*Revisão*

Moisés Sbardelotto  
Thamiris Magalhães de Souza

*Editoração*

Casa Leiria

*Revisão técnica*

Moisés Sbardelotto  
Thamiris Magalhães de Souza

M627 Mídias e religião: a comunicação e a fé em sociedades em midiatização. / Organização de Pedro Gilberto Gomes, Antonio Fausto Neto, Moisés Sbardelotto e Thamiris Magalhães de Souza, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. – 2. ed. – São Leopoldo: Ed.Unisinos: Casa Leiria, 2013.

1 CD ROM.

ISBN 978-85-7431-605-5

1. Teologia – Comunicação de massa. 2. Comunicação de massa – Aspectos religiosos - Cristianismo. 3. Meios de comunicação – Aspectos religiosos. I. Gomes, Pedro Gilberto (Org.). II. Fausto Neto, Antonio (Org.). III. Sbardelotto, Moisés (Org.). IV. Souza, Thamiris Magalhães de (Org.). V. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. VI. Título.

CDU 2: 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecária: Carla Inês Costa dos Santos – CRB 10/973)

Todos os direitos reservados.

A reprodução, ainda que parcial, por qualquer meio, das páginas que compõem este livro, para uso não individual, mesmo para fins didáticos, sem autorização escrita do editor, é ilícita e constitui uma contrafação danosa à cultura.

Foi feito o depósito legal

# Sumário

*Prefácio: O caleidoscópio midiático*

*Pe. Pedro Gilberto Gomes, sj*

O mistério da Igreja na era das mídias digitais

*Antonio Spadaro S.I.*

## **Parte 1: Ambiente Digital e Religiões**

Devoção em Caracteres: As Redes de Relacionamento religiosas como fenômeno de midiaticização: análise do discurso nas mídias do Círio de Nazaré, em Belém do Pará

*Thamiris Magalhães de Sousa*

Federação de redes e mídias sociais virtuais, sistema de informação para a comunicação da Pastoral da Juventude

*Jean José Fortes Bianchi e Carla de Almeida Martins Basso*

A página de Irmã Zuleide no Facebook: considerações sobre o cenário religioso brasileiro a partir de um fake

*Vitor de Lima Campanha*

Canção na web: a instituição religiosa regulando-se na circulação em dispositivos midiáticos

*Lucas Brito de Barros*

A lógica do desdobramento: processualidades da midiaticização no portal cancaonova.com

*Ana Cássia Pandolfo Flores*

Mídia e religião: dispositivos em conexão: A reconfiguração da experiência religiosa no mundo digital

*Marco Túlio de Sousa*

Tensões e Disputas Discursivas Evangélicas nas Redes Sociais: As Performances de Edir Macedo, R.R. Soares e Silas Malafaia

*Francieli Jordão Fantoni*

Midiamorfose da fé: Continuidades e transformações da religiosidade na internet  
*Moisés Sbardelotto*

Fiéis enredados: Para a criação de redes digitais de reconhecimento religioso  
*Luis Ignacio Sierra Gutiérrez*

A Ciber-Religião: A midiatização do sagrado e a sacralização da mídia  
*Jorge Miklos*

## **Parte 2: Culturas, Sociedades e Religiões**

A afetação da memória coletiva do Batuque com a gravação dos cantos sagrados  
*Deivison Moacir Cezar de Campos Campos*

Documentário Saravá Irmãos: a participação infantil na religião umbanda  
*Joana Frota, Lara Fagundes e Renata Camargo*

A formação do campo ayahuasqueiro uruguaio, meios de comunicação e subjetividades  
*Juan Scuro*

Neuroteologia: sobre o encontro entre fé, ciência e mídia hoje  
*Leandro de Paula Santos*

O pluralismo religioso. Influências na cultura e no imaginário contemporâneo como elementos persuasivos: Percepção sobre os padres cantores  
*Maria Beatriz Furtado Rahde e Luciana Braun Reis*

A recepção do Padre Fábio de Melo por seus fãs/devotos  
*Carlos Henrique Corrêa Senna*

“Caleidoscópio da fé”: A produção de sentido no “gospel” midiatizado pela música pentecostal  
*Valdevino de Albuquerque Júnior*

O sermão luterano na visão do receptor: Um estudo da Comunidade Evangélica Luterana São Paulo de Canoas  
*Lucas André Albrecht*

### **Parte 3: Imagens e Religiões**

O Livro de Eli: mídia e religião vivida como tarefa da teologia prática

*Júlio César Adam*

Mídia e Religião: Das peregrinações ao universo das telecomunicações

*Sidnei Budke*

A gente se liga em você: panorama reflexivo sobre identidades na mídia - Festival Promessas da Rede Globo

*Augusto Rodrigues Parada*

Fé na mídia: um estudo das imagens técnicas (TV Record) como estratégia de comunicação e sobrevivência da Igreja Universal do Reino de Deus

*Heinrich Fonteles*

A Experiência religiosa eucarística do numinoso e o seu acontecimento através da mídia televisiva

*Celeide Agapito Valadares Nogueira*

### **Parte 4: Imprensa, Jornalismo e Religiões**

Apontamentos para uma História da Imprensa Católica Brasileira

*Aline Roes Dalmolin*

Jornalismo, Evangelização e Cidadania

*Beatriz Trezzi Vieira*

Igreja em mediação: a atuação de jornalistas nas (Arqui)Dioceses do Brasil

*Paulo Vitor Giraldo Pires e Maria Cristina Gobbi*

Escrita, tipografia e inflexões do simbólico na tradição judaico-cristã

*Julio Cesar Lemes de Castro*

# Midiamorfose da fé: Continuidades e transformações da religiosidade na internet

*Moisés Sbardelotto<sup>1</sup>*

## Introdução

Vemos hoje um deslocamento das práticas de fé ao ambiente online, a partir de lógicas midiáticas, complexificando o fenômeno religioso e as processualidades comunicacionais. A religião, especialmente a católica, em sua necessidade de dar a conhecer as suas verdades sobre o mundo, se apropria dos dispositivos comunicacionais digitais ao seu alcance, através de suas várias possibilidades, para transmitir sua mensagem de fé. Dessa forma, as pessoas passam a encontrar uma oferta da fé não apenas nas igrejas de pedra, nos padres de carne e osso e nos rituais palpáveis, mas também na religiosidade disponível em bits e pixels. Formam-se novas modalidades de percepção e de expressão do sagrado em novos ambientes de culto. Manifesta-se, assim, uma nova forma de *hierofania*, uma nova forma de revelação e manifestação do sagrado, agora midiaticizada: *midio-hierofanias* que lançam a religião para novos patamares de existência.

Essa é mais uma das facetas de uma sociedade em *midiatização*, pois a internet passa a ser também uma ambiência social e discursiva de vivência, prática e experiência da fé. Ocorre assim uma “revolução no fazer religioso”. Se a comunicação (suas lógicas, seus dispositivos, suas operações) está em constante evolução, a religião, dessa forma, ao fazer uso daquela, também acompanha essa evolução e é por ela impelida a algo diferente do que tradicionalmente era.

Baseados em uma abordagem sistêmico-complexa, cremos que só há comunicação se houver interação. Como a interação fiel-sistema não está dada nem ocorre automaticamente, mas depende de complexos dispositivos, analisamos em nossa pesquisa (SBARDELOTTO, 2011; 2012) rituais online de quatro sites católicos brasileiros, como “velas virtuais”, “terço virtual”, “adoração ao Santíssimo

---

<sup>1</sup> Mestre e doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo/RS. Bolsista do CNPq. Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É colaborador do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). E-mail: [msbardelotto@yahoo.com.br](mailto:msbardelotto@yahoo.com.br).

virtual”, “peregrinação virtual” etc. Neles, inferimos três âmbitos que favorecem o vínculo e a experiência religiosos: a *interface* (as materialidades gráficas dos sites), o *discurso* (coisa falada e escrita) e o *ritual* (operações, atos e práticas do fiel), que, a partir da internet, vão conhecendo novas possibilidades e limites. Neste artigo, apresentaremos uma síntese de nossas análises sobre esses três âmbitos. Também comentaremos os principais deslocamentos na comunicação e na experiência religiosas online a partir das novas temporalidades, novas espacialidades, novas materialidades, novas discursividades e novas ritualidades da fé digital marcadas centralmente por lógicas midiáticas. Se a internet traz consigo novas formas de lidar com o sagrado, a religião como tradicionalmente a conhecemos também passa a mudar, e a “nova religião” que se descortina diante de nós nesse “odre novo” traz também um “vinho novo”<sup>2</sup> que caracteriza a midiática digital (suas formas características de ser, existir, pensar, saber, agir etc. na era digital) – por meio de um processo de midiamorfose da fé.

## **Interface, discurso, ritual: a religiosidade em bits e pixels**

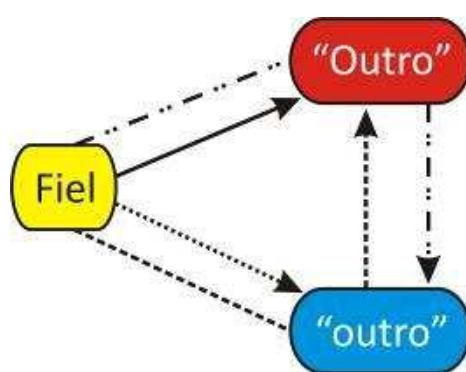
Na ambiência de vivência, prática e experiência da fé que se desdobra na internet, com relação à interface, o sagrado que é acessado pelo fiel passa por diversos níveis de codificação por parte do sistema católico online. Analisamos quatro deles: 1) a tela; 2) periféricos como teclado e mouse; 3) a estrutura organizacional das informações (menus); e 4) a composição gráfica das páginas em que se encontram disponíveis os serviços e rituais católicos. Ocorreria, por conseguinte, uma *interposição da técnica*, claramente manifestada, na interação entre fiel e sites católicos, pela presença de elementos tecnológicos e simbólicos que estão a serviço das interações propriamente ditas, que ocorrem no interior do sistema católico online. Por meio de instrumentos e aparatos físicos (tela, teclado, mouse) e simbólicos presentes na linguagem computacional e online (navegadores, menus, ambientes), o fiel “manipula” o sagrado ofertado e organizado pelo sistema e navega pelos seus meandros. Definimos como interface, portanto, o *código simbólico* que possibilita a interação fiel-sistema e também a *superfície de contato*

---

<sup>2</sup> Fazemos referência aqui ao trecho evangélico de Mateus 9, 17, que diz: “Também não se põe vinho novo em odres velhos, senão os odres se arrebentam, o vinho se derrama e os odres se perdem. Mas vinho novo se põe em odres novos, e assim os dois se conservam”.

*simbólico* entre fiel-sistema. Por meio da interface, o sistema informa ao usuário seus limites e possibilidades, e este comunica ao sistema suas intenções. O sistema indica ao fiel não apenas uma forma de ler o sagrado, mas também uma forma de *lidar* com o sagrado, que raramente é neutra ou automática: ela carrega consigo sentidos e afeta a mensagem religiosa.

Por outro lado, o contato entre fiel e sagrado passa pelo *discurso*, pela *narração da fé*. Chamamos de *discurso* uma “realidade material de coisa pronunciada ou escrita” (FOUCAULT, 2008, p.8), o fluxo constante de construção de sentido religioso por meio da linguagem nas páginas dos sites. O discurso faz referência às trocas comunicativas e às conversas simbólicas que se estabelecem na internet entre sistema e fiel, por exemplo, nas orações ou testemunhos online, escritos pelos fiéis, disponíveis nos sites católicos. O discurso textual, assim, é a cristalização e a sedimentação de uma interação que ocorreu entre ambos: nele encontramos as marcas que nos indicam como se deram as trocas comunicativas. Nos sites analisados, encontramos a presença de uma rede visível de interações, realizadas e estimuladas no interior do sistema a partir de três atores: o *fiel* (propriamente o internauta orante); um “*outro*” (por quem o fiel intercede, tornando-se também mediador, ou a quem o fiel se dirige para que interceda por ele – como outro fiel internauta); e um “*Outro*”, o destinatário último (o sagrado) (Fig. 1).



**Figura 1 - Diagrama das interações discursivas em rituais online**

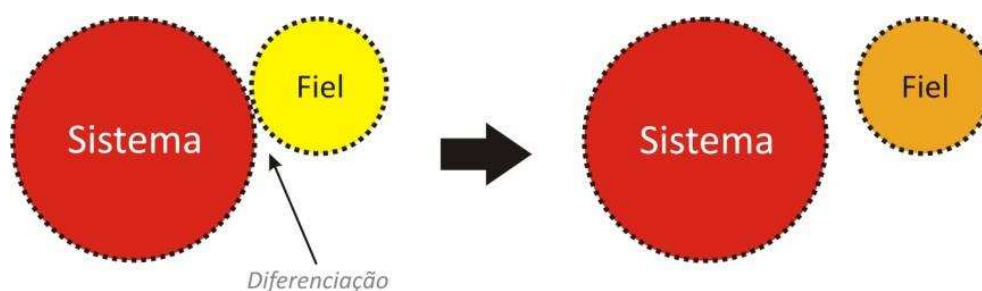
O diagrama acima mapeia esses fluxos: a interação discursiva “fiel-Outro”, dirigida a Deus, é representada pela linha contínua; “fiel-outro”, com os demais internautas, é representada pela linha pontilhada; “fiel-outro-Outro”, quando o fiel solicita a intercessão de outro internauta ou de um mediador do sistema para



chegar a Deus, é representada pela linha tracejada; e “fiel-Outro-outro”, em que o fiel intercede e se torna mediador, via sistema, diante de Deus por outra pessoa, é representada pela linha tracejada e pontilhada.

Por fim, o terceiro âmbito que favorece a experiência religiosa do fiel são os rituais. Até então celebrados no templo físico, eles agora se deslocam para o ambiente online (como, por exemplo, as “velas virtuais”). Compreendemos, assim, os rituais online como *atos e práticas de fé* desenvolvidas pelo fiel em interação com o sistema para a busca de uma experiência religiosa. O ritual online também esclarece mecanismos fundamentais das práticas sociais, que não são apenas formas de lidar com o sagrado disponível na internet, mas sim verdadeiras *formas de pensamento e de existência* na era das mídias digitais.

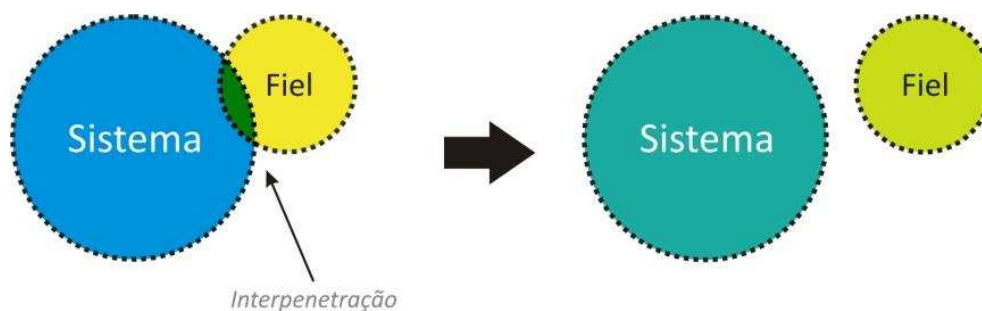
Destacamos, a partir de nossas observações, duas formas de interação ritual online: as *interações rituais de fechamento* e as *interações rituais de abertura*. Nas interações rituais de fechamento, o fiel recebe do sistema os elementos necessários para vivenciar sua experiência religiosa (Fig. 2).



**Figura 2 - Diagrama demonstrativo da "interação ritual de fechamento"**

O sistema não é *irritado* pelo fiel, não é *afetado*, nem *transaciona* (só oferta) conteúdo religioso com ele. Esse processo de fechamento leva o sistema a estar “isolado do seu ambiente”, como um sistema fechado, no qual “o estado final é inequivocamente determinado pelas condições iniciais” (BERTALANFFY, 1977, p.64).

Diferentemente, na segunda modalidade, as interações rituais de abertura ocorrem quando o fiel não apenas se conecta ao sistema e se apropria do que lhe é oferecido (como na reza do terço), mas também *interfere* nesse sistema, *insere matéria religiosa* em seu interior (Fig. 3).



**Figura 3 - Diagrama demonstrativo da "interação ritual de abertura"**

Assim, provoca-se uma *desestabilização* do sistema do seu ponto original. São interações rituais em que o sistema abre-se internamente para a *interferência* (construção simbólica) do ambiente (fiel) em seu interior, que nele deixa a sua marca – que ficará acessível aos demais fiéis. Nesses casos, é o fiel também que *diz e narra* o religioso.

O que podemos perceber, a partir de nossas análises, é que a fé vivenciada, praticada e experienciada nos ambientes digitais aponta para uma mudança na experiência religiosa do fiel e da manifestação do religioso. Portanto, apresentaremos agora as principais conclusões de nossa pesquisa anterior, analisando novas temporalidades, novas espacialidades, novas materialidades, novas discursividades e novas ritualidades da fé digital marcadas centralmente por lógicas midiáticas.

## **Novas temporalidades**

Por um lado, *temporalmente*, o fiel passa a viver em um tempo policrônico, em que pode realizar mais de uma atividade ao mesmo tempo. A midiaticização digital, nesse sentido, “potencializa a realização de múltiplas tarefas (policronicidade), instaurando, de fato, um multitasking nas atividades humanas individuais ou em grupo” (SCOLARI, 2008, p.280, tradução nossa). Por outro lado, os tempos e períodos tradicionais do ano cristão, divididos e organizados pela Igreja liturgicamente (Advento, Natal, Quaresma, Páscoa etc.) e na vida cotidiana (missa dos domingos, às 9h, por exemplo), passam a mudar na internet. Uma adoração ao Santíssimo pode ser feita a qualquer hora do dia, independentemente dos horários dos demais membros da comunidade religiosa. O acompanhamento espiritual do fiel não precisa mais ter hora marcada com o sacerdote ou religioso,

pois agora pode ser feito a qualquer momento, em casa, no trabalho, ou mesmo em trânsito. O sistema se encarrega de mediar essa conversação, apesar dos tempos offline da vida cotidiana.

Ocorre um deslocamento, assim, da *autoridade* da Igreja sobre a vida de fé do fiel. Quando a Igreja, por meio do sistema, passa a permitir que o fiel organize sua vivência religiosa (seus tempos, suas regularidades), concedendo-lhe o “poder” de organizar sua vida espiritual e sua fé de acordo com suas próprias escolhas, há uma nova cláusula no contrato de vínculo entre esses dois âmbitos da forma como era vivido anteriormente. Não afirmamos que essa autoridade desaparece. Mas agora o fiel passa a ser visto também como *coprodutor* de sua fé, e a Igreja, ao invés de exigir obediência estrita, concede-lhe uma *autonomia regulada*, lhe deixa fazer a fé, desde que dentro dos parâmetros do sistema. Forma-se uma nova identidade religiosa a partir de uma religiosidade midiaticizada moldada por um conjunto de práticas cômodo e personalizado.

Ocorre, dessa forma, portanto, uma “emergência das pessoas” (cf. ROSNAY, 2003), permitida e mediada pelo sistema, em que uma nova carga de sentido é derramada sobre os fiéis enquanto atores, comunicadores e cocriadores potenciais do religioso. O sistema reconhece-os não como usuários apassivados, mas sim como fiéis prossumidores de sagrado, com capacidade de escolha e de apropriação. Estabelece-se, dessa forma, um novo regime de *hierarquia*, em que o fiel recebe do sistema um papel de corresponsabilidade pela sua fé, muitas vezes sem perceber os níveis de mediação e regularidade impostos pelo sistema e pelos protocolos digitais. Nesse sentido, como indica Spadaro (2011, p.3), “pode-se cair na ilusão de que o sagrado ou o religioso estão ao alcance do *mouse*”, ou de que o sagrado está “à disposição” de um ‘consumidor’ no momento da necessidade”.

Por outro lado, os processos lentos, vagarosos e penosos da ascese espiritual (os “séculos dos séculos”, “até que a morte os separe”) vão sendo agora substituídos pela *lógica da velocidade* absoluta, por uma “eternidade intensiva” (cf. SFEZ, 2003). Fomenta-se, assim, uma expectativa de onitemporalidade e de imediaticidade da manifestação e da experiência religiosas. A vastidão de tempo garantida pelas antigas hierofanias à resposta do ser humano, o tempo que nos era ofertado para as reflexões profundas para se tomar uma decisão é agora

substituído por microinstantes, “bits temporais” em que o sistema nos exige reações instantâneas e imediatas a eventos que ocorrem na velocidade da luz.

## **Novas espacialidades**

Por outro lado, o deslocamento *espacial* da experiência religiosa é marcado por uma nova espacialidade trazida pelas processualidades da internet: a celebração feita do outro lado do país ou do mundo pode ser agora assistida pelo fiel em seu quarto – e, diferentemente da TV, é ele quem escolhe quando vai começar com o seu *play*. Um fiel do interior da Amazônia (ou da Sibéria, isso é o de menos), desde que conectado ao sistema, não precisará se deslocar até o Santuário Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo, para fazer suas orações, prostrar-se e venerar a imagem de Maria e até mesmo acender sua vela, pois, pela internet, a “Capela Virtual” acolhe seus pedidos e lhe oferece o “Nicho da Imagem” para a veneração via online, sem os “incômodos do mundo real”.

Instaura-se, assim, uma lógica da *condensação espacial*. Quando um fiel da Amazônia se sente ligado espiritual e afetivamente aos fiéis de São Paulo, e interage com eles em oração; quando esse mesmo fiel, sem nunca ter posto seus pés nesse santuário, faz sua “Peregrinação Virtual” e venera a imagem de Nossa Senhora Aparecida, emerge uma nova forma de *presença*: uma “telepresença” (cf. MANOVICH, 2000). Por outro lado, a essência dessa nova modalidade de presença é a não presença, a “antipresença” (cf. MANOVICH, 2000): não é necessário que o fiel esteja lá fisicamente para estar lá digitalmente. O fiel pode agora *ver e agir à distância* – acionando um regime de percepção e expressão que passa por um *sensorium* específico do ambiente online, marcado pelo olhar e pelo tato, mediante novas “liturgias digitais”.

O papel do templo também é subvertido, pois, “pela própria etimologia da palavra, é um recinto reservado às coisas santas, no qual por isso *não se permite o ingresso a todos*, independentemente das suas disposições de ânimo” (RAHNER, 1965, p.56). Na internet, tudo se expõe: o templo se torna ubíquo e em rede, cujo acesso se dá por toda parte. Não é preciso mais espiar pelo “buraco da fechadura”, porque não há mais porta, nem fechadura.

## Novas materialidades

Além disso, a fé digital traz consigo uma *materialidade* totalmente própria, numérica, de dígitos, que podem ser alterados, recombinaados, deletados de acordo com a vontade do sistema. Por outro lado, “a internet pode estar mudando muitas das sensibilidades religiosas/espirituais básicas dos usuários, mas às vezes de formas que, na verdade, marcam um retorno a uma compreensão historicamente mais primitiva da experiência religiosa e da vida” (DAWSON, 2004, p.4, tradução nossa). Porém, essas sensibilidades são ressignificadas: na “capela virtual”, o sol sempre brilha, as flores sempre estão abertas, vivas e coloridas, as velas até se acendem sozinhas, e a cerimônia inicia assim que o fiel entra no templo. Sim, algumas velas digitais também se “consomem”, até mesmo diminuindo de tamanho com o passar dos dias, mas não há mais os “incômodos” da cera derretida, dos vapores e odores, das fumaças, dos riscos de incêndio.

Mas mantêm-se nessas materialidades resquícios de uma religiosidade pré-midiática (como o uso de velas, por exemplo), que manifestam que a complexidade da técnica não pressupõe o abandono de tradições discursivas. Se o ser humano, ao longo dos séculos, construiu simbolicamente o sentido do sagrado pelo fogo, e o do fogo pela vela, hoje a vela é construído simbolicamente pela sua representação digital. Um meio considerado simbólico da pós-modernidade como a internet ajuda a viver uma fé marcada por elementos pré-modernos e tradicionais. Criando esses novos símbolos e ressignificando outros signos tradicionais ao ambiente online, busca-se uma nova “mediação” entre fiel e mundo, para poder dar-lhe sentido. Portanto, ao invés de uma lógica da substituição, a fé se depara com uma *lógica da complexificação* (cf. LÉVY, 1999). A internet não “substitui” os suportes materiais e simbólicos das práticas de fé tradicionais, mas já está gerando, como vemos, novos modos de percepção, de expressão, de prática, de vivência e de experimentação da fé.

Assim, questionamos uma suposta “desintermediação” (cf. LÉVY, 1999) promovida pelas mídias digitais, como se o fiel vivesse uma relação “direta” com Deus. Na realidade, o fiel se depara, embora muitas vezes sem perceber, com novas intermediações – até mesmo *reintermediações* – com o sagrado. Agora, o sistema e seus protocolos se colocam como novas “camadas intermediárias” entre o fiel e

o sagrado. Se antes o fiel fazia uso de uma vela de cera, do fogo, de um templo territorializado e dos protocolos da instituição para fazer seu ritual de oração, hoje se acrescentam ainda mais camadas, agora tecnocomunicacionais (aparatos como computador, tela, teclado, mouse, interfaces, regras discursivas, “liturgias digitais” etc.), acionadas pelo próprio fiel, por seu próprio interesse e desejo, a partir das ofertas de sagrado por parte do sistema.

A construção simbólica do sagrado, dizíamos, se dá por meio de códigos numéricos, binários (bits), que buscam reconstruir digitalmente o sagrado. Códigos fluidos, suaves, *soft* (e por isso *software*), que podem ser reconstruídos e alterados constantemente de acordo com os interesses do sistema e do fiel-internauta. E o risco é de concluir que “se Deus é bit, então o bit é Deus”. Mas, tomados por si mesmos, eles podem ser considerados como um subtratamento, um “subproduto do sagrado”, visto que sua totalidade (em termos de *sensorium* e de experiência) é “condensada”, reduzida para o ambiente digital e até mesmo desprovida de sentido (cf. MORIN, 2002) – o sentido religioso só se dá e só é *percebido na interação com o fiel*.

Mas é aí também que se encontra o ponto relevante das interações comunicacionais: justamente por causa das insuficiências dos bits e pixels, a tentativa do sistema católico online, em sua intenção de interagir com o usuário, é a de radicalizar ao máximo a sensação de sacralidade, fazendo uso de todas as possibilidades possíveis do *sensorium* digital (animações, música, cliques). Eis o ponto: tudo isso para que *o fiel lhes dê sentido sagrado*, para que a sua “leitura” não seja meramente superficial, mas contenha, a partir de suas escolhas aleatórias e imprevisíveis, uma *coconstrução* (conjuntamente com a construção simbólica do sistema já dada) de sua experiência religiosa.

## **Novas discursividades**

Se a Igreja é “o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (CONCÍLIO, 1964, s/p), na internet, o fiel busca essa “íntima união” a partir da interposição da técnica, embora *transparente* aos seus olhos. *Discursivamente*, portanto, o fiel constrói sentido religioso *como se se dirigisse diretamente* a Deus, interagindo com um “outro”

(internauta ou o próprio sistema) e também com o “Outro”, o sagrado. Esse discurso é fluido, marcado por uma constante transformação, em que novas informações podem ser adicionadas, deletadas, corrigidas ou relacionadas segundo os protocolos da internet. Isso acaba abrindo o texto original a inúmeras interpretações em uma “dança hermenêutica” infundável de leitura e criação de novos sentidos. Manifesta-se, assim, uma dimensão teopolítica da experiência religiosa online: o fiel também tem o poder de nomear e de narrar o divino.

Mas aqui há uma questão delicada: a publicização dos conteúdos mais íntimos da experiência religiosa. Agora, faz parte do contrato que o sistema irá publicizar os conteúdos da fé privada a toda a comunidade da rede, e não apenas religiosa, até com o risco de serem indexados nos sistemas de busca e ficarem à disposição de qualquer pessoa no mundo. Assim, deixamos “rastros” – inclusive religiosos – que acompanham todas as nossas ações na rede, explicitando o poder de controle da lógica do banco de dados. Nossas relações mais profundamente enraizadas no conceito de intimidade (como as que estabelecemos com o “*intimior intimo meo*”) passaram a se dar naquilo que se passou a chamar de *extimidade* – um novo âmbito social em que se manifesta a “queda do apogeu da glória” da privacidade; a privacidade invadida, conquistada e colonizada pela esfera pública, com o preço de perder o seu direito ao segredo, “seu traço distintivo e privilégio mais caro e mais ciumentamente defendido” (BAUMAN, 2011, s/p).

Essa extimidade da internet acelera e aprofunda ainda mais a “negação radical de toda e qualquer disciplina dos sacramentos” que Rahner (1965, p.56) já entrevia com o avanço da televisão. Ou seja, rompe-se qualquer regulamentação da liturgia dos sacramentos, que demandam uma certa *iniciação* ou *catequese*. Na internet, os momentos mais *mistéricos e íntimos* do culto católico estão escancarados ao mundo; seus documentos e livros sagrados passam a circular livremente, sem restrições.

Por outro lado, instaura-se, nesses discursos, uma nova configuração *comunitária*. A comunidade de fé não desaparece: ao contrário, o fiel a busca, dirige-se a ela, pede intercessão, partilha a sua vida com ela. Porém, é uma nova forma de comunidade, segundo os protocolos do ambiente digital: fluida, “líquida”, virtual e, ao mesmo tempo, mantendo seu aspecto institucional (no site das Apóstolas, me dirijo a essa comunidade de fiéis específica; no site do Santuário, a

comunidade será outra, marcada também por essa institucionalidade específica). Por isso, as relações e vínculos nesse ambiente são fragmentários: o fiel *seleciona e escolhe a sua alteridade* (terrena ou divina), embora isso, para o próprio fiel, não caracterize uma fé vivida isolada e individualisticamente. Mas isso pode levar ao risco de que o fiel seja “circundado por um mundo de informações que me assemelham, correndo o risco de permanecer fechado à provocação intelectual que provém da alteridade e da diferença. O risco é evidente: perder de vista a diversidade, aumentar a intolerância, fechamento à novidade, ao imprevisto que brota dos meus esquemas relacionais e mentais. O outro se torna significativo para mim se for de algum modo semelhante a mim, senão não existe” (SPADARO, 2012, p.8).

O deslocamento, em suma, se dá em direção à *lógica do acesso*, em que o pertencimento/participação define-se pela “afiliação por navegação” (cf. MARCHESINI, 2009). Isto é, as novas comunidades não se estruturam com base em sua localização geográfica, seus membros não são definidos pela sua convivência em um mesmo determinado espaço físico, segundo determinadas regras e restrições culturalmente definidas, mas sim por uma ambiência fluida em que faz parte dessa comunidade *quem a ela tem acesso*. Nesse sentido, ressignifica-se o sentido do “pertencimento” eclesial. Corre-se o risco de considerá-lo apenas como “o fruto de um ‘consenso’ e, portanto, ‘produto’ da comunicação” (SPADARO, 2011, p.6), em que basta o acesso ou a desconexão, fortalecendo um processo de privatização da fé.

São comunidades instauradas midiaticamente: ou, vice-versa, é a interação comunicacional midiaticizada que sustenta as comunidades ao *tornar comum* entre os fiéis o que social, política, existencial e religiosamente não pode nem deve, a seu ver, ficar isolado. Assim, o fiel não faz uma “opção” entre a comunidade off ou online, mas, ao contrário, adquire, para além de sua comunidade de fé offline, mais ambientes de interação, agora de modo online, com seus pares religiosos. Novamente, ao invés de uma lógica da substituição, a fé se depara, também discursivamente, com uma lógica da complexificação.



## Novas ritualidades

Por fim, *ritualisticamente*, os atos e práticas de fé passam a ser desenvolvidos pelo fiel por meio de ações e operações midiaticizadas de construção de sentido, em interação com o sistema católico online. Assim, novos fluxos começam a surgir: rituais offline reconstruídos digitalmente, rituais online que são estendidos midiaticamente para o ambiente offline. Manifesta-se, assim, não apenas uma liturgia assistida, mas também centrada, vivida, praticada e experienciada pelas mídias, em que estas também oferecem modelos para as ações e o imaginário litúrgicos. Contudo, pela complexidade das estratégias da “liturgia digital”, essa é uma “religiosidade para poucos”, para quem sabe dialogar com essas linguagens, muitas vezes apenas para os chamados “nativos digitais”.

Manifesta-se nos rituais online duas lógicas centrais: uma “lógica da seleção” (cf. MANOVICH, 2000), em que o fiel é convidado a *coconstruir* a sua experiência religiosa a partir do acionamento de links (portanto, um sagrado pré-moldado, pré-estabelecido e pré-configurado pelo sistema/programador). E, por outro lado, uma “lógica do banco de dados” (cf. MANOVICH, 2000), em que o sagrado é transformado simbolicamente em uma coleção de dados e conteúdos que podem ser buscados, encontrados e acessados pelo sistema em um instante, com um clicar de botões. Assim, explicita-se uma *religiosidade algorítmica*, em que o fiel faz o sistema fazer o que já está programado, a partir de uma sequência de gestos litúrgicos seguida pelo fiel e realizada pelo sistema.

Embora a Igreja ainda não admita a celebração de sacramentos<sup>3</sup> midiaticamente, alguns rituais considerados “populares” (como o acendimento de velas) também passam a ser *sacramentalizados* via online, o que é reforçado pelo destaque com que são oferecidos nos sites católicos, pela inúmera participação por parte dos fiéis e pela sensação de sacralidade criada pela interface interacional dos sistema católico online. Os fiéis buscam nessa sensação – construída digitalmente – uma forma de experienciar o sagrado de forma mais simples, rápida e acessível do que os rituais territorializados e os elementos “concretos” do “mundo real”.

---

<sup>3</sup> Segundo a doutrina tradicional, sacramento é um sinal visível de uma graça invisível. Assim, a água é a matéria do batismo, pão e vinho são matéria da eucaristia, em que a forma dos sacramentos é dada pelas palavras pronunciadas (discurso) pelo oficiante ordenado, pelo ritual, pelas ações litúrgicas.

Assim, ao invés de uma dessacralização dos ritos (cf. CARVAJAL, 2009), instaura-se uma nova *sacramentalidade*.

Toda a “liturgia digital” que se constrói a partir dessas novas práticas de sentido buscam criar no fiel uma sensação de “naturalidade” dos gestos e ações, reforçando a *transparência* da técnica: a sensação de sacralidade construída pelo sistema alimenta (ou reforça) a crença de que o fiel está *diante de* (e *apenas de*) Deus. “As mídias de massa *parecem* garantir o fim da *mediação* e assegurar apenas o acesso a *dados imediatos*. Vivemos em um mundo em que aparentemente tudo – graças às mídias – parece se tornar imediato. E também a internet, de sua parte, pode contribuir para a ocorrência dessa ilusão, alimentando assim também o compreensível *mal-estar* crente com relação a essa imediatividade fascinante, mas, na realidade, falsa” (GRILLO, 2011, p.36).

## **Midiamorfose da fé: Novas qualidades da religiosidade contemporânea**

Como vimos, o vínculo tradicional do fiel com a Igreja e seus rituais é “desconstruído” e “reconstruído” histórica, temporal, espacial, material, discursiva, ritual e liturgicamente (senão ainda em outros aspectos). Nos usos, práticas e apropriações por parte da sociedade, reconstrói-se e ressignifica-se continuamente o sentido do sagrado, “trabalha[ndo], satura[ndo], modela[ndo] e transforma[ndo] todas as relações dos sentidos” (MCLUHAN, 1998, p.358, tradução nossa), inclusive religiosos.

Assim, cremos que vai ocorrendo, a partir da midiatização digital do fenômeno religioso, uma *midiamorfose da fé*<sup>4</sup>, somada aos diversos outros âmbitos sociais e históricos que evidenciam esse processo.

---

<sup>4</sup> O conceito de midiamorfose é de Roger Fidler (cf. *Mediamorphosis: Understanding New Media*. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1997). Para Fidler, o processo midiamórfico é “a transformação dos meios de comunicação comumente ocasionada pela complexa interação de necessidades percebidas, pressões competitivas e políticas, e inovações sociais e tecnológicas” (p.22). Porém, mais do que a transformação dos meios em si mesmos, interessa-nos o processo mais complexo – que se aproxima da “complexa interação” abordada pelo autor –, que envolve também as demais interfaces sociotécnicas (como o fenômeno religioso) em que esses meios se fazem presentes e cuja “complexa interação” provoca metamorfoses de “mão dupla”. Apropriamo-nos do conceito, portanto, mas com outro significado, como veremos.

Segundo Morin (2010, s/p), “quando um sistema é incapaz de tratar os seus problemas vitais, ele se degrada ou se desintegra ou então é capaz de suscitar um metassistema capaz de lidar com seus problemas: ele se metamorfoseia”. A religião e a fé, como a história demonstra, já passaram por (ou mesmo *tiveram início a partir de*) inúmeras metamorfoses, por transformações históricas radicais, mas sempre conservando sua “matéria viva”, seu patrimônio histórico-cultural.

Mas o que é metamorfose? Segundo Morin (2010, s/p), é a criação de uma metaorganização que surge a partir de um ponto de saturação da organização original, “que, embora tendo os mesmos aspectos físico-químicos, produz novas qualidades”. Uma metamorfose – continua o autor – começa “por uma inovação, uma nova mensagem desviante, marginal, pequena, muitas vezes invisível para os contemporâneos”. Não seria esse o caso do fenômeno religioso que se manifesta nos ambientes digitais em rede? Cremos estar diante de “um estágio de começos, modestos, invisíveis, marginais, dispersos” de novas religiosidades. As novas temporalidades, espacialidades, materialidades, discursividades e ritualidades apontadas anteriormente revelam, cremos, uma “efervescência criativa, uma multiplicidade de iniciativas locais” no âmbito religioso.

Morin (2010, s/p) fala de “caminhos múltiplos que podem, através de um desenvolvimento conjunto, se combinar para formar o novo caminho que nos levaria em direção à metamorfose ainda invisível e inconcebível”. Pois bem, no caso da religião contemporânea, esses caminhos múltiplos *atravessam e são atravessados por lógicas midiáticas*. Aqui, as mídias não são entendidas apenas como aparatos tecnológicos, mas sim como “*dispositivos sociotécnicos e sociossimbólicos*, baseados cada vez mais no conjunto de técnicas (e não mais em uma única técnica, como antigamente)” (MIÈGE, 2009, p.110). Ou seja, são dispositivos técnico-simbólicos que ganham sentido *a partir dos usos e práticas sociais*.

Por isso, cremos ser possível afirmar que a religião e a fé estão passando, dessa forma, por uma *midiamorfose*, por meio da qual coevoluem e se complexificam cada vez mais em sua relação com as práticas e os processos sociomidiáticos. Embora sendo ainda manifestações isoladas, não seriam essas novas iniciativas religiosas o “viveiro do futuro” (cf. MORIN, 2010, s/p) da religião e da fé? Mas que religião e que fé seriam essas? Não temos o arcabouço teórico

para responder a essa pergunta, e por isso são necessários estudos específicos para explorar os pontos teológico-religiosos mais candentes.

Por fim, merece atenção a advertência de Karl Rahner (ainda em 1959 [na versão brasileira, 1965], nos primórdios da televisão!) contra a fetichização também no âmbito da Igreja de tudo o que é “moderno e tecnológico”:

A ânsia de ser tão moderno quanto possível pode ser desmascarada, em pouco tempo, como sendo extremamente antiquada. No dia em que o aparelho de televisão [e hoje os aparatos digitais] fizer parte da mobília normal do homem médio e este se tiver acostumado a olhar tudo quanto a câmara curiosa consegue captar indistintamente entre o céu e a terra, será coisa que há de irritar de maneira inaudita o burguês do século vinte e um, se os programas continuam a exhibir cenas que não se podem contemplar reclinado numa poltrona e mastigando uma fatia de pão. Será de proveito inestimável para os homens dos próximos séculos que haja ainda um lugar, e esse lugar é justamente a igreja, em que possam conservar o ser natural humano, em que não pareçam estranhos a si mesmos por terem corpo, como um resíduo arcaico, ainda não substituído, num mundo de aparelhos com que se rodeiam e quase procuram substituir-se; um refúgio, que o cura constantemente dos seus excessos na técnica. Esta última é sem dúvida sua tarefa e seu destino, mas só deixará de ser a sua ruína, na medida em que consegue salvaguardar, em sua existência, o antigo domínio do humano, do modesto, do que é diretamente corpóreo (RAHNER, 1965, p.64).

E conclui o teólogo alemão: “Há muitos pontos em que a Igreja poderia ser mais moderna do que é”.

## **Considerações finais**

Tendo em vista essa midiamorfose da fé, seria possível encontrar uma possível solução ao “beco dialético sem saída” entre o bit, que é a *redução por excelência* (“nada pode ser menor”) e o sagrado, que é a *superação por excelência* (“nada pode ser maior”)? O sagrado, em sua “encarnação em bits”, ganha sentido e se complexifica nas interações com o fiel, que *são totalmente livres, íntimas, misteriosas* – não nos é permitido penetrar nessa zona de tão elevada intimidade. O que sabemos é que elas ocorrem, inclusive pelas próprias narrações dos fiéis – *algo ocorre, e algo sagrado*. Nessas narrativas, manifesta-se o significado do *Lógos* cristão: o *Lógos* é diálogo, que, nos rituais online ocorre entre fiel e sagrado *mediados pelo sistema*. Um sagrado que *não está lá*, mas é “despertado” e se mantém *mediante as interações*.

Talvez aí se encontre um ponto relevante para futuras reflexões: na mediação do sistema, há possibilidades e impossibilidades, facetas do sagrado que mais se manifestam, e outras que se manifestam menos, experiências religiosas que são fomentadas, e outras que não o são. E tudo isso marcado por determinações e escolhas do programador, do próprio sistema católico online como um todo. Portanto, esse processo também apresenta “limitações ao sagrado” por parte do sistema, e o risco é de não perceber que “a linguagem sobre Deus é uma das mais difíceis e perigosas com que trabalhar, porque pode resultar em estruturas opressivas ou ser um trampolim para a libertação” (HUNT, 2012, p.6).

Pode-se criar a sensação de que, na internet e mesmo nos sites católicos, “Deus fala diretamente ao fiel”, sabendo-se que há mediações que não são neutras.

Isso cria uma espécie de vácuo religioso, em que se insinuam muitas tendências perigosas. Por exemplo, a noção de que toda linguagem sobre Deus é igual ou que não falar sobre Deus é a melhor opção, pois ninguém ficará ofendido, são coisas arriscadas. Essa dinâmica ignora o fato de que as pessoas que usam a linguagem de Deus vão moldar o mundo com ela (HUNT, 2012, p.20).

O que sabemos é que “a única verdade que as Escrituras nos revelam, aquela que não pode, no curso do tempo, sofrer nenhuma desmistificação – visto que não é um enunciado experimental, lógico, metafísico, mas sim um apelo prático – é a verdade do amor, da *caritas*” (RORTY; VATTIMO, 2006, p.71). Resta saber se os rituais online – ou qualquer outra mediação do sagrado – ajudam na manifestação dessa verdade, com todo o “apelo prático” que dele emana. Pois “é bom escutar a palavra de Deus e, portanto, anunciá-la da melhor forma possível através da narrativa e do discurso; mas é ainda mais importante tentar colocá-la em prática. Nesse aspecto, não mudou o status da verdade – a relação entre um dizer e um fazer” (SCHLEGEL, 2012, p.18): *o Lógos que se faz carne*.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. “Extimidade”: O Fim da Intimidade. **Site do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 10 abr. 2011, s/p. Tradução do original em italiano. Disponível em: <http://migre.me/99Mxp>.

BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria Geral dos Sistemas**. Fundamentos, Desenvolvimentos e Aplicações. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008

CARVAJAL, Pablo Ignacio Aburto. La Basílica de Guadalupe en la internet: La Difusión de las Prácticas Religiosas en la Era de las Tecnologías de Información. **Revista Arbitrada en Ciencias Sociales y Humanidades – Renglones**, Guadalajara, n.º. 61, set. 2009-mar. 2010, p.27-36. Disponível em: <http://migre.me/8MbGh>.

CONCÍLIO Ecumênico II do Vaticano. **Constituição Dogmática “Lumen Gentium” sobre a Igreja**. Publicada em 21 de novembro de 1964. Disponível em: <http://migre.me/8MbnL>.

DAWSON, Lorne L. Religion and the Quest for Virtual Community. In: \_\_\_\_\_; COWAN, Douglas E. **Religion Online: Finding Faith on the internet**. Nova York: Routledge, 2004, p.75-89.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: Aula Inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2008.

GRILLO, Andrea. Segni, Riti e Atto di Fede nel Cyberspazio: internet come “Atto Secondo” e come “Atto Primo”. **Credere Oggi**. Pádua: Messaggero di S. Antonio Editrice, n.º. 183, mai-jun., 2011, p. 29-43.

HUNT, Mary E. Discurso Feminista sobre o Divino em um Mundo Pós-Moderno. **Cadernos Teologia Pública**, São Leopoldo, ano IX, n.º. 66, 2012. Disponível em: <http://migre.me/99NGK>.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. London: The MIT Press, 2000.

MARCHESINI, Roberto. Uma Hermenêutica para a Tecnociência. In: NEUTZLING, Inácio; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de (orgs.). **Uma Sociedade Pós-Humana**: Possibilidades e Limites das Nanotecnologias. São Leopoldo: Unisinos, 2009, p.153-182.

MCLUHAN, Eric; ZINGRONE, Frank (orgs.). **McLuhan**: Escritos Esenciales. Barcelona: Paidós, 1998.

MIÈGE, Bernard. **A sociedade tecida pela comunicação**: Técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social. São Paulo: Paulus, 2009.

MORIN, Edgar. **O Método 1**: A Natureza da Natureza. Porto Alegre: Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_. Elogio da metamorfose. **Site do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 9 jan. 2010, s/p. Tradução do original em francês. Disponível em: <http://migre.me/8MaMS>.

RAHNER, Karl. Missa e Televisão. In: \_\_\_\_\_. **Missão e Graça**: Problemas de Espiritualidade e Pastoral. 3º vol. Petrópolis: Vozes, 1965, p.49-64.

RORTY, Richard; VATTIMO, Gianni; ZABALA, Santiago (orgs.). **O Futuro da Religião**: Solidariedade, Caridade e Ironia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006.

ROSNAY, Joël de. O Salto do Milênio. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs.). **Para Navegar no Século XXI**: Tecnologias do Imaginário e Cibercultura. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2003, p.205-211.

SBARDELOTTO, Moisés. **E o Verbo se fez bit**: A comunicação e a experiência religiosas na internet. Aparecida: Santuário, 2012.

SCHLEGEL, Jean-Louis. Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites. **Cadernos Teologia Pública**, São Leopoldo, ano IX, n.º. 68, 2012. Disponível em: <http://migre.me/aukSC>.

SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones**: Elementos para una Teoría de la Comunicación Digital Interactiva. Barcelona: Gedisa, 2008.

SFEZ, Lucien. As tecnologias do espírito. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs.). **Para Navegar no Século XXI**: Tecnologias do Imaginário e Cibercultura. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2003, p.113-134.

SPADARO, Antonio. Spiritualità ed Elementi per una Teologia della Comunicazione in Rete. In: Seminário do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais para os Bispos do Brasil (SECOBB), 2011, Rio de Janeiro. **Anais**. Brasília: CNBB, 2011. Disponível em: <http://migre.me/5CXQo>.

\_\_\_\_\_. Spiritualità ed Elementi per una Teologia della Comunicazione in Rete. In: Seminário do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais para os Bispos do Oriente Médio, 2012. Harissa, Líbano. **Anais**. Harissa: PCCS, 2012a. Disponível em: <http://migre.me/8UvyM>.